

“Aprofunda-se a recessão”, diz Simonsen

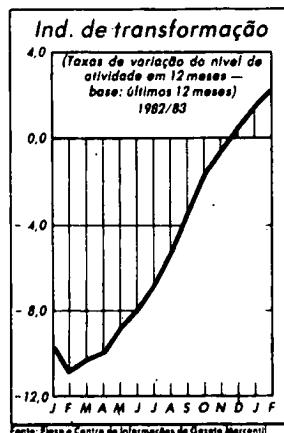
GAZETA MERCANTIL

13 ABR 1983

por José Casado
de São Paulo

O ex-ministro Mário Henrique Simonsen entende que o Brasil vai ter de recorrer a seus credores privados estrangeiros e ao Fundo Monetário Internacional (FMI), no final deste ano, com o objetivo de preparar — no bojo de “uma outra renegociação da dívida externa” — um programa econômico viável para 1984. E para que essa nova renegociação seja mais fácil ao governo e, principalmente, possibilite ao País fazê-la sem o risco de aprofundar ainda mais a recessão econômica, Simonsen considera que o governo aplique “um tratamento de choque”, fazendo um “corte drástico e imediato” nos subsídios, simultaneamente a um processo de total desindexação da economia e da instituição de um orçamento federal unificado.

“Aprofunda-se a recessão brasileira”, advertiu o ex-ministro do Planejamento, que é membro do “board” do Citicorp, ontem em São Paulo, durante um debate com cem executivos. Ao defender como solução a aplicação de um



“tratamento de choque” na economia, observou que, “sem essas mudanças, a recessão no próximo ano será ainda maior”. Disse que considera essas propostas “altamente construtivas” e elogiou a “coragem” do ex-ministro Octávio Gouvêa de Bulhões, que, na semana passada, defendeu publicamente idéias semelhantes.

A análise de Simonsen coincide com a que foi feita ontem por empresários e economistas do Conselho Superior de Economia da FIESP. Ao examinar a situação do setor industrial, eles concluíram que persiste a queda no nível de atividades da indústria paulista. O processo de recuperação iniciado em março do ano passado foi revertido em setembro último. A partir de então, as taxas da indústria foram declinantes e no primeiro bimestre deste ano passaram a ser negativas.

Assim, segundo a FIESP, tomando-se o período de doze meses encerrado em fevereiro último, verifica-se que o nível de atividades industriais foi positivo (+2,3%) em relação ao período imediatamente anterior (ver gráfico). Mas essa taxa não refletiria a realidade, na interpretação que os conselheiros deram em um documento. Explicam: “Ela deriva dos níveis relativamente baixos de períodos que estão computados no denominador desse cálculo”.

mos oito meses). Em fevereiro, houve uma queda no nível de atividade de 2,2% em relação ao mesmo mês do ano passado.

Mas, quando examinaram a evolução do comércio, com base em dados levados à reunião por um dos membros do conselho, o empresário Abílio Diniz, ficaram surpresos: no mês passado, as vendas reais, em São Paulo, foram 8% maiores do que no mês de março de 1982. E mais: confrontados esses dados com o nível de vendas de março de 1980, verificou-se que, no mês passado, os comerciantes paulistas venderam 1% a mais, em termos reais.

Trata-se de um sinal de efetiva recuperação da economia ou março foi um mês atípico?

A conclusão a que chegaram os membros do conselho foi de que o desempenho do comércio em março reflete um processo de cautela dos consumidores, que, diante da expectativa de inflação ascendente, usaram recursos até então depositados em cedernetas de poupança para antecipar suas compras.

(Ver página 3)

Os empresários e economistas acham mais indicado para visualizar a tendência o comportamento da indústria a partir das estatísticas do bimestre (-1,7% do que em janeiro e fevereiro do ano passado) e do nível de pessoal diretamente ocupado na produção, em declínio permanente desde julho passado (-7,3% acumulado nos últi-